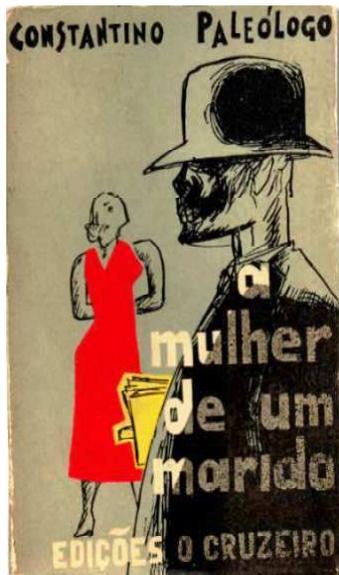


A LITERATURA ECLÉTICA DE CONSTANTINO PALEÓLOGO

Rui Ribeiro

Homônimo do último imperador bizantino e com sobrenome revelador de ascendência grega, Constantino Paleólogo Efeteriades (1922-1966) realizou, nos poucos anos que viveu, uma obra consistente e diversificada. Jornalista dinâmico, militou na prestigiosa revista *O Cruzeiro*, em cuja redação circulava “elegantíssimo, bigodinho aparado, testa alta, olhar inteligente, sempre fumando de piteira”, segundo depoimento posterior do então aspirante a diplomata/escritor Victor M. de Moraes, seu carona habitual a bordo de “um luzidio Aero Willys cor de vinho, novinho em folha”. Naquele periódico incrementou o concurso de contos destinado a revelar novos talentos e que, no princípio da década de 30 do século passado, já premiara e divulgara os “pecadilhos de juventude” do desconhecido João Guimarães Rosa que, ao contrário de suas consagradas produções seguintes, compunha histórias de horror e suspense, ao estilo de Edgar Allan Poe. Sob o comando de Paleólogo, o certame acolheria participantes incipientes, mais tarde escritores legitimados, caso de Manoel Lobato cujo livro de estreia *Garrucha 44* (1961), fez questão de prefaciá-lo.

A par da atividade jornalística intensa, o autor traduziu obras de sucesso internacional, como *Fauno de mármore* (Nathaniel Hawthorne), *Mulher Imperial* e *Uma ponte para passar* (Pearl Buck) e tantos mais. Escreveu ainda argumento para o filme mexicano *Quero morrer no carnaval* (1962) e muitos prefácios, entre eles o de *Jânio, a face cruel* (David Nasser). No campo do ensaio literário, deixou expressiva e inovadora contribuição, com estudos percucientes sobre Eça de Queiroz (1948) e Poe, Machado, Dostoiévski (1950). Partindo da



análise dos traumas sofridos na infância por aqueles notáveis escritores e da interpretação profunda do comportamento dos personagens que idealizaram, concluiu que a obra ficcional resultante seria uma “compensação de vida” de seus autores, espécie de limpeza disfarçada do subconsciente, adornada pelos méritos estéticos e pelo estilo de cada um. Essa descarga emocional purificadora transformaria, assim, em literatura aquilo que eles não puderam, não ousaram e talvez nem pensaram em fazer na realidade.

A ficção de Constantino Paleólogo abrange dois livros de contos (*Histórias verídicas*-1946 e *A mulher de um marido*-1957), três novelas (*O anônimo* / *O fugitivo*, enfiadas no livro *Os condenados* (1954) e *O líder*(1962), assim como um único romance *O homem perdido* (1949). As coletâneas das composições breves revelam tramas envolventes protagonizadas por psicopatas, homicidas perversos, virgens negras de olhos verdes, maníacos sádicos e toda uma

galeria de tipos captados com precisão e exibidos ora como filme de suspense, ora como crônica subjetiva. O leitor por certo acompanhará atento o desenrolar dos enredos, antevendo desfechos que quase sempre diferirão de sua expectativa. Parece clara a intenção do autor em vestir a fantasia com trajes de realidade e vice-versa. Predominam nas novelas figuras desajustadas em permanente conflito consigo mesmas e com o mundo, fazendo jus ao título de *Os condenados* que o autor lhes deu.

Em *O anônimo*, a técnica de construção é original. A trama transcorre pelas lucubrações e ações produzidas pela mente doentia do inominado personagem central e também pelos diálogos. Trata-se de um pobre-diabo solitário que vive em uma pensão modesta sempre perseguido por pensamentos confusos transformados em atitudes automáticas que o levam a se preso por crime que ele próprio não sabe se cometeu.

Pai e filho são “os condenados” em *O fugitivo*. Aquele, pelo comportamento obsessivo e castrador com que governa os destinos de seu único descendente, subjugado desde a infância até nas suas manifestações afetivas. Este, pela revolta crescente contra o tratamento tirânico a que está submetido. O próprio nome de batismo que recebeu – Zeus, reverenciando a divindade maior da mitologia grega – reflete as intenções paternas em transformá-lo num homem acima dos normais. As consequências da submissão imposta levam o moço à fuga desordenada, sob falsa identidade. Desesperado, o pai estabelece recompensa para quem lhe trouxer notícias sobre o fugitivo. Entretanto ao ser informado sobre o paradeiro do filho, não corre ao seu encontro, como seria de se esperar. Numa atitude paradoxal, mergulha, deprimido, em reflexões a respeito de sua própria vida

pregressa, povoada de sucessivas traições que redundaram em desamor e egoísmo obstinados.

Narrado na primeira pessoa, o romance “O homem perdido” registra as desventuras do jovem Fernando Albuquerque em trajetória repleta de desencontros e ambiguidades, em busca da liberdade, que acredita só ser atingida pelo rompimento total das convenções sociais que regem a humanidade. Temperamento rebelde e irreverente perante os princípios morais, furta dinheiro ao cofre da casa comercial do pai. Descoberto, é expulso do lar, seguindo para o Rio de Janeiro. De lá planeja novo golpe financeiro contra a família e se estabelece em negócio que prospera, mero pretexto para a ansiada liberdade. Traz do interior para morar consigo a mãe de seu filho e a criança. Arrepende-se e arma constantes brigas com o intuito de romper os laços que o prendem à companhia reprimida, lançando-se em aventuras desenfreadas. Apesar de aproveitar as benesses que o dinheiro lhe proporciona, permanece angustiado por ter ainda que pautar pelas leis sociais e não pelas próprias convicções. Conclui, afinal, não ser “senão um amontoado de ações brutais e caóticas, feito só de impulsos, sem corpo e também sem alma, mísera gangorra condenada a oscilar eternamente no espaço, sem jamais tocar a terra e tampouco o céu”. Num crescendo de dramaticidade, o romance culmina com desfecho trágico.

Nas páginas de revistas e antigos suplementos literários cariocas, perto de uma centena de contos do autor aguarda resgate, que por certo confirmará o estilo refinado e a técnica original de concepção encontrados nos livros que publicou.

Rui Ribeiro é escritor, ensaísta e advogado. Autor de *Orlando Silva, Cantor Número Um das Multidões*, entre outras obras.

Mãe-Amiga

Maio é mês das mães e aniversário da nossa dileta amiga e colaboradora Débora Novaes de Castro que comemorou, em 22 de maio, 80 anos. Prestamos nossas homenagens à escritora, artista plástica, poeta e professora que nos apóia há 20 anos, desde a edição nº 67, março de 1995.

Na referida edição veiculou um anúncio sobre as antologias que estava organizando de haicais, trovas e poemas, pela Livroarte Produções. Até a presente edição foram veiculados, mensalmente, um total de 242 mensagens de apoio que foram imprescindíveis para que *Linguagem Viva* não interrompesse sua periodicidade durante esse período.

Débora Novaes de Castro nasceu em Bento de Abreu (antiga Alto Pimenta - Fazenda Valparaíso), comarca de Araçatuba-SP, em 22 de maio de 1935. Reside em São Paulo desde os 6 anos de idade. Formada em Letras (Habilitação Português/Literatura Brasileira/Inglês) e Pedagogia (Habilitação em Orientação Educacional e Pedagógica, Administração Escolar e Supervisão Escolar). Pós-graduada em Português Instrumental, Inglês Instrumental, Jornalismo Cultural - COGAE - Puc-SP. Mestre em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes - Puc - SP.

É membro Academia Cristã de Letras, Academia Paulista Evangélica de Letras, União Brasileira de Escritores - SP, Casa do Poeta "Lampião de Gás", Grêmio Haicai Ipê-SP; União Brasileira de Trovadores-SP, Movimento Poético Nacional-SP, Movimento Poético em São Paulo-SP, Grupo Bem-te-vi de Estudos Haicaísticos-SP, Associação Paulista de Belas Artes de São Paulo, Associação dos Artistas Plásticos Profissionais do Rio de Janeiro, entre outras entidades.

Autora dos livros de poemas (*Gotas de Sol, Sonho Azul, Momentos, Sinfonia do Infinito, Um Vaso Novo, Catavento, Coletânea Primavera, Maranata e Mares Afóra*); trovas (*Das Águas do meu Telhado*); haicais (*Chão de Pitangas, Sementes, Aljôfares e Soprar das Areias*); poesia infanto-juvenil (*Amarelinha*); e prosa juvenil (*Stellita a menina que plantava estrelas, Lilico o pequeno Caracol e Tila uma coelhinha na informática*). Organizou as antologias *100 haicais brasileiros* e *Canto do Poeta, Espiral de trovas e Haicais ao Sol* (obras publicadas em 2 volumes).

Sem palavras para agradecer Débora Novaes de Castro, a querida mãe-amiga da *Linguagem Viva*, oferecemos nosso abraço e carinho.



Débora Novaes de Castro

ONÇA-PINTADA

Raquel Naveira

Observo a onça-pintada impressa nesta cédula de cinquenta reais. É linda, perfeita. Bela lembrança do meu Pantanal, uma das regiões de maior densidade da onça-pintada, predadora às voltas da criação do gado. Muitas vezes é caçada pelos fazendeiros como retaliação a seus enérgicos ataques na madrugada.

Sempre houve fascínio pela onça-pintada, símbolo de força e poder. Os maias acreditavam que ela facilitava a comunicação entre vivos e mortos, protegia o reino espiritual. Os astecas cultuavam a pantera como animal totêmico do poderoso deus Tezcatlipoca, que acompanhava os guerreiros vestidos com pele de onça, padrão de manchas fantástico de rosetas amarelas e pretas. Para esses povos, na selva, em meio ao som de tambores, levantava-se o espírito do jaguar, o senhor das montanhas que alimentava suas entranhas do sol negro do crepúsculo e da estrela d'alva. O deus-jaguar, o jaguar-homem, que saltou com garras e olhos de jade sobre o vale americano onde jaz a raça índia.

Há tanto mistério nessa fera robusta, musculosa, atarracada, capaz de rastejar, nadar, escalar. Vem a passos lentos e macios, preparando emboscada, atacando a vítima por cima, por um ponto cego, arrancando com os dentes cérebro, ossos e cascos.

Lembrei-me daquele caso contado por Monteiro Lobato, no livro *Cidades Mortas*, do sertanejo apelidado "Resto de Onça", um caboclo magro, sem o braço direito, sem um olho, sem um pedaço da cara. Horripilante e cheio de cicatrizes. O narrador pede a Resto de Onça que conte sua história. Ele narra numa linguagem atraente, retratando com fidelidade a fala regional. Contou que na fazenda de um tal coronel Eusébio havia uma onça-pintada mãeira, que atacava o chiqueiro dos porcos. Prepararam então uma caça ao felino com vários cachorros onceiros, entre eles o Brinquinho. Resto de Onça se afastou dos companheiros e, de repente, sentiu uma pata-

da de unha nas costas. O que o salvou foi a coragem do Brinquinho. Chegou então um outro caçador, o nhô Vadô, sogro de Resto de Onça, que ficou paralisado de medo, sem fazer nada para ajudá-lo. Resto de Onça conseguiu pegar a espingarda e introduzir o cano dentro da boca da onça. Depois, apontou para o lado do sogro e o matou de raiva. Virou resto de onça, caco de gente.

A onça também pode ser parda ou preta. No livro *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, ponto alto da corrente verdeamarelista, epopeia nacional em que índio, negro e branco tomam posse do território e formam um novo país, a onça preta é figura cosmogônica, parte da gênese mítica do povo brasileiro. É ela que come o sol, símbolo do português; come a arara, o elemento indígena e traz a noite escura que estava escondida no centro do fruto de tucumã. Para mim, onça verdadeira é jaguatê, é a onça-pintada do mato de minha terra.

O cuiabano João Sebastião elegeu a onça-pintada como seu ícone preferido. Seus quadros são impactantes. Do chão da floresta brotam onças-pintadas, salpicadas de solidão e silêncio. Onças entalhadas em pedras, moingas, sarcófagos, escapando da boca de vulcões. Alta potência expressiva. Já as onças de Lúcia Martins Coelho Barbosa, de Campo Grande, têm textura nos pelos, olhos de esfinge. E o fotógrafo de Florianópolis, o viajante e andarilho Araquém Alcântara, soube capturar com suas lentes instantâneos do focinho à cauda ereta da onça-pintada à beira de um rio de areias douradas, coalhado de peixes. Arte e onça-pintada combinam muito com elegância, ecologia e dramaticidade.

Concentrei-me novamente. Estava tão longe. Uma pequena compra para a sobrevivência e lá se foi a onça pintada impressa na minha cédula de cinquenta reais.

Raquel Naveira é escritora, poeta, professora universitária e membro da Academia Sul-Matogrossense de Letras e do Pen-Clube do Brasil.



LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, facultades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

A Luminosidade dos Haicais na Poética de Elza A. Ramos Amaral

Maria Cecília de Salles Freire César

O haikai se insere numa tradição poética palaciana japonesa que remonta ao século X. A partir do século XIV, criam-se várias regras para a elaboração de poemas longos das quais as mais importantes para nós são as que se referem à primeira estrofe, chamada "hokku" – regras essas que continuam vigorando no que hoje se conhece como haikai, quais sejam, estrofe de dezessete sílabas em três versos encadeados de 5, 7 e 5 sílabas, que faz referência a uma estação do ano e compõe uma unidade sintático-semântica em relação às outras estrofes.

Nesses poemas, o fluir do tempo e a contemplação da beleza possível nessa transitoriedade é o tema principal. O haikai pertence a um contexto em que, diferentemente do nosso pensamento ocidental, a estética, a ética e a religião estão em estreito vínculo. Segundo Haroldo de Campos, o haikai é um artefato linguístico sucinto e altamente tensionado.

O haikai implica contemplação, sensibilidade, delicadeza, elegância, sutileza, gentileza. É uma forma de ver / viver o mundo, de disciplina e exercício espiritual, de cultivar o caráter e o espírito.

Além disso, o ideograma, por sua plasticidade, como bem nos chamou a atenção o próprio Haroldo, em seus ensaios, vincula-se a um pensamento analógico em que as ideias são construídas por relações combinatorias, não excludentes, como as do pensamento lógico aristotélico.

E os haicaístas contemporâneos, como Elza Amaral, e Beatriz Amaral, aqui presente, sabem que as regras, os preceitos poéticos, podem e devem ser quebrados em prol da intenção e do efeito almejado em cada poema.

Bashô, importante poeta do século XVII, afirmava que um bom verso é aquele que é fruto de uma "visão livre", sem filtros, como a de uma criança. Reconheceu três virtudes no exercício poético: aperfeiçoamento espiritual, intuição e espontaneidade. Para Bashô, o poema é a "arte de, com o mínimo, dizer o suficiente."

Passando, agora à análise das linhas de força na obra de Elza Amaral, podemos dizer que

essas reflexões iniciais sobre a tradição do haikai encontram-se em muitos fragmentos, como em:

fim de verão
caem folhas das árvores
tapetes dourados (*Libélula*)

Nesse poema, é como se, após os dois versos iniciais, que marcam a passagem do verão para o outono (Fim de verão / caem folhas das árvores), brotasse subitamente, fruto de um momento de iluminação, uma metáfora que expressaria com perfeição e plasticidade essa transformação: "tapetes dourados".

E assim, traduzindo, em ampla paleta cromática e escala de tons musicais, as nuances das emoções, da viva alegria à introspecção, a autora nos oferece momentos de luz e encantamento.

A libélula, inseto preferido da poeta Elza Amaral, associa-se a muitos significados nas diferentes culturas, entre os quais os principais são os de renovação, força positiva e o poder da vida. A libélula inclui-se entre os seres de luz, como a gaiivota, o sabiá, o pássaro azul, o vagalume e as fadas, que habitam seu universo imagético, e "fazem chover colorido / em pleno verão".

Flores, como girassóis e azaléas, aromas que invadem o sono, como em:

Sonho com a noite
travessero de lua
aroma de jasmim
Narciso que se surpreende ao olhar a imagem refletida:

Olho-me num lago
ao meu lado a garça
surpresa como eu
Percepção momentânea que se entrevê

também em:
bem-te-vi
acorda a lua
na aurora

Plasticidade e sinestésias, isto é, mistura de sensações de registros sensoriais diferentes, como em:

meu olhar distante
perturbou-se no arco-íris
da tua flauta (*Primeira Lua*)

Movimentos opostos, típicos do haikai, como o velado e o revelado, a presença e a ausência, o real e o imaginado ou, como nos três poemas seguintes, a permanência e a transformação, o ruído e o silêncio, o escuro e o brilho:

retorna a bruma
cessa a música do vento
a natureza para

Noite silenciosa
sob a luz das estrelas
o coaxar dos sapos

Praça escura
apenas o lampião
e os olhos do gato

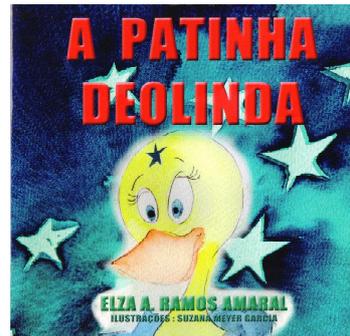
Finalizo citando um trecho

que compõe a contracapa do livro *Primeira Lua*, em que a autora, em prosa poética, nos convida a mergulhar no universo natural que a inspirou nesse livro e no seguinte:

As folhas caem das árvores e a Natureza tece um tapete mágico. O ar é dourado e místico... Logo os pássaros emigram. Não encontrando as copas frondosas para construir seus ninhos, evitam a neve e o frio. Aos poucos, as cores vão voltando, através das flores que renascem e da presença lírica das aves. Enfim, o sol se mostra em sua plenitude e aquece a vida, que se renova em ciclos de esperança. Olho o velho papiro e em mim um enorme desejo: haicais. (*Primeira Lua*)

E assim, com essas palavras de otimismo e renovação, encerro essas minhas breves reflexões acerca da obra da extraordinária poeta, contista, cronista e musicista paulistana Elza A. Ramos Amaral.

Maria Cecília de Salles Freire César é
Doutora em Literaturas de Língua
Portuguesa – USP e Mestre em
Comunicação e Semiótica – PUC-SP.



XAVI

xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelima1.wix.com/xavi

LIVRARIA BRANDÃO

Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

CSALÁDI KÉP

Family's Portrait

(*Retrato de Família*, de Rosani Abou Adal)

Tradução para o húngaro de Lívia Paulini

Tradução para o inglês de Lívia Paulini

Ereimben Sziria vér folyik,
 Mari Rose és Simaan eredete.
 Massabki fénye lelkemet világítja.
 Adal, védett kikötő, erősségem.
 Arabok Damascus emigrációja,
 Március 25 az utca, hol az együttes kezdődött.
 Testvérem Szonia érkezett elsőnek,
 kilenc évvel később, a költő.
 Belém kerületében vertek gyökeret,
 erősen dolgoztak üzleti lerakatban,
 hogy gyermekeiket ellássák, taníttassák.
 Családi ebédek vasárnapokon,
 kézzel himzett sziriai abrosz az asztalon,
 "homs", töltött szőlő levél rudacsákák,
 "quibe" "snobar" -ral a tálcán,
 áldott ételek Husvét és Karácsony napján.
 Gyerekkori emlékek jelzik
 babák sorakoznak az üzleti polcon,
 rádió arab programot közvetít
 Fairuz hangjával,
 Apa enciklopédiát olvas elbűvölve,
 Anya madarak énekét hallja.
 Az egyetlen TV készülék
 demokratikus döntéssel
 hírek és nyolcórás novela programban résztvenni.
 Az első kocsis, az élmények
 utazás Rio de Janeiróba,
 a villanyos, a Cukorhegy,
 a Korkovádó, a tenger,
 Aparecida do Norte-n a megállás,
 eleget tenni Anyánk fogadalmának
 a végtelen nagy lépcső, a pap, a szentmise,
 gipszből a fej, gyertyák és imák,
 aztán nyugodtan hazamenni.
 Ez a béke ma engem kísér és nyugtat.
 Megérttem miért Szíria a fényem, nyugalmam.

The blood running in my veins is Syrian,
 Marie Rose and Simaan's offspring.
 Massabki illuminate my soul.
 Adal a harbor and my fortress.
 Arabian immigrants from Damascus,
 25th of March street, was the union start.
 First came sister Sonia,
 after nine years, came the poet, laureate.

Planting roots at the district of Belém,
 at the supply-shop working hard
 to support the study of their sons.
 Sunday's family lunch,
 tablecloth of Syrian handmade embroidery,
 homs, cigarettes of grape leaves,
 and quibe with snobar
 served on Holy Easter and Christmas Eve.
 The infancy remembrance is marked
 by the dolls and the puppets at the end of the store,
 the radio sintonizing arab programs,
 Fairuz enchanting by his voice,
 Daddy reading the encyclopedia,
 Mother listening to the bird's melodies.
 The only TV set
 and the diplomatic agreement to watch
 the news and the soap opera at eight.
 The first car, the venture
 trip to Rio de Janeiro,
 the street car, the sugar-low,
 the Corcovado, the sea...
 The stop to Aparecida do Norte,
 payment for a promise by my mother.
 The long staircase, the priest, the Holy Mass,
 a wax head, candles and prayers, after peaceful arrival at home.
 This peace follows me and remarks me.
 I understood now why Syria is my light and tranquillity.

Lívia Paulini, escritora húngara radicada em Belo Horizonte (MG), é pedagoga, artista plástica, tradutora, fundadora e Presidente Emérita da Academia Mineira Feminina de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Retrato de Família

Rosani Abou Adal

O sangue que corre em minhas veias é sírio,
fruto de Mari Rose e Simaan.
Massabki ilumina minh'alma.
Adal, porto seguro, minha fortaleza.
Imigrantes árabes de Damasco,
Rua 25 de Março foi o começo da união.
Primeiro veio a irmã Sonia,
nove anos depois a poeta.
No bairro Belém plantaram raízes,
trabalharam bravamente na loja de armarinhos
para sustento e estudo dos filhos.
Almoço em família aos domingos,
sobre a mesa a toalha da Síria bordada a mão,
Homs, charutinho de folha de uva
e quibe na bandeja com snõbar,
pratos mais que sagrados no Natal e na Páscoa.
Lembranças da infância marcam
o desfile de bonecas no balcão da loja,
o rádio sintonizado no programa árabe,
Fairuz encantando com sua voz,
papai a ler enciclopédia,
mamãe a ouvir o cantar dos passarinhos.
O único aparelho de TV
e o acordo democrático para assistir
ao noticiário e novela das oito.
O primeiro carro, a aventura
da viagem para o Rio de Janeiro,
o bondinho, o Pão de Açúcar,
o Corcovado, o mar...
Parada em Aparecida do Norte
para pagamento da promessa da nossa mãe.
A escadaria imensa, o padre, a missa,
cabeça de cera, velas e orações.
Depois seguimos em paz para nosso lar.
Esta paz me acompanha e acalenta.
Entendi porque a Síria é minha luz, minha paz.



Maria, Simaan, Rosani e Sonia

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Minha mãe eu

Marisa Bueloni

Minha mãe e eu temos um montão de histórias. É preciso pensar um pouco antes de contar. Já são 24 anos da sua partida e parece que foi ontem.

Fomos uma bela dupla - minha mãe e eu. Ela se chamava Josefina e eu a provocava, querendo saber por que minha avó lhe dera um nome tão feio. Ela ria e ficava brava ao mesmo tempo. "Eu gosto do meu nome, oras". Eu respondia rindo: "Mas eu não, dona Josefina!".

Ela contava que no grupo escolar era vítima da brincadeira "Josefina da perna fina". Contudo, minha mãe tinha pernas normais e bonitas. Só Deus sabe o que aquela mulher andou e trabalhou, o bem que ela praticou na vida, as procissões, as rezas, as visitas aos parentes e doentes, o que fez neste mundo de Deus com aquelas pernas santas e laboriosas.

Ah, mãe querida! Como na linda valsinha, se a gente pudesse começar tudo, tudo de novo! Se pudessemos ter a chance de voltar a ser criança no seu colo tão doce. Que saudades do seu perfume suave, uma colônia que não sei onde ela comprava. Lembro-me do seu potinho de "rouge", que hoje é o nosso "blush". Ela gostava de um batom discretíssimo e usava um esmalte de um tom rosa esmaecido, chamado "Rosa Rei".

Ela sabia de tudo, sabia falar e calar. Tudo na hora certa. Advertia sempre: "Em boca fechada não entra mosquito". Minha mãe completou apenas o 4º ano primário, mas saiu da escola com um diploma preciosíssimo: a sabedoria da vida. Quanta lucidez e prudência. Não dava um passo em falso. Conhecia todos os territórios, os próprios e os que a cercavam.

E quando ela começava a contar do seu tempo de moça na roça, morando no sítio? A gente ficava horas ouvindo na cozinha, com um bule de café e bolo de fubá quentinho. Como foi que ela conheceu meu pai, o noivado, o começo da vida de casados, os filhos pequenos.

Ah, meu Senhor da glória, eu coloquei a foto clássica do casamento dos meus pais, em branco e preto, aquela da "Foto Lacorte", num quadro de chorar de lindo, na parede acima da cristaleira. Fiz o mesmo com a foto do casamento dos meus sogros. Estão os dois pares ali, eternizados, cheios de esperança e alegria. Afinal, haviam acabado de dar o "sim" um para o outro. E para Deus.

Minha mãe gostava de rezar. De rezar o terço de joelhos, junto com meu pai, os dois de cabeça baixa, cheios de respeito, diante das imagens do Imaculado Coração de Maria e do Sagrado Coração de Jesus.

Logo após o seu funeral, num estado de vigília, meio dormindo, meio acordada, de repente, subi. Subi altíssimo. Vi-me numa altura fantástica e olhava para baixo. Tudo era de um verde-escuro estranho. Eu via o rio da minha cidade, o mato das margens, carros passando lá embaixo nas ruas. Foi assustador. Eu não tinha corpo, mas eu "existia" com minha mente apenas, meu espírito. A lembrança daquela subida (seria a chamada "viagem astral"?) ainda mexe comigo.

Josefina, minha mãe! Eternamente, Josefina! Mulher, moça, menina. Nada de perna fina. Minha mãe, tão grande e tão pequenina! A bênção, minha mãe Josefina.

Marisa Bueloni é escritora, poeta, cronista, pedagoga e membro da Academia Piracicabana de Letras.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

CARTA A SÃO PEDRO

Napoleão Valadares

Criado por uma avó, Eurico não foi menino mimado. Teve vida dura desde pequeno, apesar do carinho da velha. Era no estudo e no trabalho, com obrigações. A avó não alisava pelo de ninguém. Trazia os empregados no curto, não deixando que saíssem da linha. O neto, então, é que tinha que ser criado com rigor para ser homem. E por isso tornou-se um homem instruído e correto.

Para uns, correto até demais. Por ser cumpridor e exigente, as pessoas o consideravam sistemático, ou histérico, ou doido. Mas essas mesmas pessoas acabavam encontrando justificativas, umas achando que ele era sistemático por ser direito e gostar de tudo certo; outras, que era histérico porque tinha coragem de gritar, denunciando erros; e ainda outras, que esse negócio de doido é relativo.

O fato é que Eurico, virava e mexia, estava às turras com vizinhos e afastados, porque não faziam as coisas como deviam ser feitas. Costumava falar desaforos aos presentes, mandar recados ásperos aos de perto e escrever cartas atrevidas aos de longe. Para ele, as pessoas tinham que ser honestas e isso não passava de um dever.

E quando foi entrando para a idade, a coisa se agravou. Ficou mais exigente para uns, rabugento e ranzinza para outros. Andava procurando uma falhazinha em alguém, por pequena que fosse, para

repreender. Não havia semana em que não escrevesse uma carta, catracando um vivente por causa de algum erro. Até ao presidente da República escreveu.

O tempo passou, os cabelos de Eurico embranqueceram, vieram rugas e doenças, as dores das pernas aumentaram e aquela mania de correção também aumentou. O povo dizia que virou doidura. Doidura com lampejos de lucidez. Chegou a dizer a um amigo que tinha telefonado para a alma de Juscelino Kubitschek. E foram cartas... Diariamente postava uma, duas, três. Um funcionário dos Correios espantou-se, quando viu uma carta de Eurico destinada a São Pedro. Achou graça, mas ficou preocupado. Não havia como enviar. Abriu e leu.

Santíssimo São Pedro,

Leva-me a escrever a Vossa Santidade o fato de estarem acontecendo aqui diversas e gravíssimas irregularidades, as quais devem ser enxergadas, fiscalizadas e corrigidas pelas autoridades competentes daí, o que não tem sido feito. Peço perdão por me expressar assim, mas estou cumprindo meu dever, como sempre fiz e sempre exigi que os outros fizessem.

Não posso me alongar, porque sei que o senhor é muito ocupado, abrindo a Sagrada Porta do Céu a uns e explicando a impossibilidade de abri-la a outros. Também trabalhei como porteiro e sei como é difícil mexer com gente. Quem não

pode entrar fica insistindo com argumentos impertinentes. E é aquilo de penetras chegarem com a maior cara de pau. Imagino que na Sagrada Porta do Céu também deve ser assim.

Mas vamos aos fatos. O nosso país (o senhor sabe o nome) está numa situação de fazer vergonha. Depois que foi instituída a tal de reeleição, todos os presidentes se reelegeram. Exercem dois mandatos, ficando no poder por oito anos para a consumação da rapina. E a reeleição se dá em razão de diversos fatores, como uso da máquina governamental sem o menor escrúpulo; compra indireta de votos por benefícios diversos; voto do analfabeto, que não sabe se quer o bem da nação ou a puxada do cabresto. E por aí vai. Além de tudo (e mais grave), os chefes do partido que se empoleirou no poder nos últimos tempos, não se contentando com a própria corrupção, corrompem e protegem os corrompidos. Por isso, surgem aqui vários escândalos com nomes estranhos, como mensalão, mensal, mensalinho e são tantos que até esqueço os nomes.

Os Estados acompanham. E os municípios também acompanham. É o que se pode chamar de corrupção contagiosa, generalizada e progressiva. Minha cidadezinha (o senhor sabe o nome) está numa situação não de fazer vergonha, porque vergonha nela não há mais, mas de fazer dó.



São Pedro

Dito isso, encareço a Vossa Santidade que, ouvidas as autoridades celestiais competentes, tome as providências cabíveis no sentido de iluminar o povo daqui, dando-lhe discernimento, consciência e sabedoria para votar, a fim de que, por meios legais, acabe com a reeleição, não use a máquina governamental, não permita compra de votos, dê fim ao voto do analfabeto, deponha os atuais governantes e extinga o partido que está no poder.

Pedindo sua bênção, recomendo-me à Santíssima Família de Vossa Santidade.

Respeitosamente,
Eurico Retilíneo dos Santos

P.S.: Deixo de colocar o lugar, porque minha cidadezinha, depois do que aconteceu, praticamente deixou de existir. E também não coloco a data, porque esta carta é por toda a eternidade, como tudo no Céu.

Napoleão Valadares é membro da Academia Brasileira de Letras, Associação Nacional de Escritores e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA



Assinatura semestral: R\$ 35,00

Assinatura anual: R\$ 70,00

Tels.: (11) 2693-0392 -
97358-6255

linguagemviva@linguagemviva.com.br
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000



Conceição Parreiras Abritta

Conceição Parreiras Abritta, escritora, poeta, romancista, contista, historiadora e autora de livros infantis, faleceu no dia 29 de abril em Belo Horizonte (MG). Exerceu os cargos de presidente da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, Academia Feminina Mineira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerias e da União Brasileira de Trovadores - Seção de Belo Horizonte. Autora de *De Braços Com A Saudade*, contos, *Belo Horizonte, Nossa Capital*, infanto-juvenil, *Descortinando Alvoradas*, romance, *Frasco de Cristal*, poemas, entre outras obras.

João Cabral, espetáculo da Companhia de Teatro Íntimo, com poemas de João Cabral de Melo, será realizado de 22 de maio a 7 de junho, sexta e sábado, às 19 horas, e aos domingos, às 18 horas, no Espaço Sesc – Sala Multiuso, Rua Domingos Ferreira, 160, em Copacabana, no Rio de Janeiro.

Adriana Carranca lançou *Malala – A menina que queria ir para a escola*, pela Cia. das Letrinhas, na Livraria da Vila da Lorena, em São Paulo.

O II Edital de Sarau e Recitais da Casa das Rosas está com inscrições abertas até dia 31 de maio para selecionar dois projetos, com bolsa no valor de R\$ 8 mil, para apresentação de eventos mensais no Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2015, e o segundo, em março, abril, maio e junho de 2016. O edital e a ficha de inscrição estão disponíveis em www.poesis.org.br, na seção Editais. editaisarau@casadasrosas.org.br

Chico Moura e Cristina Costa lançarão o livro *Trilha de Foto-Haicais*, no dia 28 de maio, quinta-feira, a partir das 19 horas, no Espaço Alberico Rodrigues, Praça Benedito Calixto, 159, Pinheiros, em São Paulo. A obra reúne poemas de Chico Moura e fotografias de Cristina Costa.

Thais Matarazzo lançará os livros *O Porto e eu...* e *O Rio e eu: crônicas de uma paulistana*, pela Editora Matarazzo, no dia 6 de junho, na Casa de Portugal, Av. Liberdade, 602, em São Paulo.

Deborah Brennand, poetisa pernambucana, faleceu aos 88 anos, no dia 26 de abril, em Recife, Pernambuco, vítima de falência múltipla de órgãos. Membro da Academia Pernambucana de Letras ocupou a cadeira de número 37. Autora de *O Punhal Tingido ou O Livro das Horas de D. Rosa de Aragão*, *O Cadeado Negro*, *Clareza*, *Letras Verdes e Poesia Reunida*, antologia publicada pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) que reuniu os melhores poemas.

A Academia Paraibana de Letras Jurídicas e a Federação das Academias de Letras Jurídicas do Brasil promoverão o II Encontro, na Semana Cultural, de 11 até 14 de Agosto, em João Pessoa, Paraíba, durante as comemorações dos 38 anos da APLJ.

Pedro Herz, da Livraria Cultura, apresentará o programa *Arte 1 com texto*, aos sábados, às 22 horas, com reprises às sextas-feiras, às 18h, e em horários alternativos, na Sky (183), Net (53), Claro TV (31), Oi TV (85), GVT (84), Vivo TV (102 cabo e 555 satélite) e operadoras independentes. O programa de estreia, realizado no dia 16 de maio, apresentou entrevista com o romancista e jornalista Ignácio de Loyola Brandão.

Visões da obra de Helio Jaguaribe, livro organizado pelo diplomata Sérgio Eduardo Moreira Lima, foi lançado pela Funag na Academia Brasileira de Letras. A obra reúne ensaios dos acadêmicos Celso Lafer e Candido Mendes, do economista argentino Aldo Ferrar e do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães.

Notícias

A Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto, que será realizada de 14 a 21 de junho, em Ribeirão Preto (SP), terá como tema *O encontro dos tempos. Novos olhares sobre o passado, o presente e o futuro*. Mário de Andrade, Ruth Rocha, Rubem Alves e Divo Marino serão os escritores homenageados. www.feiradolivroribeirao.com.br/

A Oficina Cultural Casa Mário de Andrade, que passou por um processo de conservação para abrigar exposição que contempla o autor de *Paulicéia Desvairada*, será reaberta no dia 23 de maio, a partir das 11 horas, na Rua Lopes Chaves, 546, em São Paulo.

Raquel Naveira proferiu palestra intitulada *Manoel de Barros: a linguagem e a infância revivida*, no dia 9 de maio, no espaço cultural "The Bard", Rua Raul Pompeia, 670, em São Paulo.

A 3ª Edição do FLI - Festival Literário de Iguape 2015, realizado de 6 a 9 de maio, contou com as participações de Milton Hatoum, Ignácio de Loyola Brandão, Eduardo Bueno, André Vianco e Evandro Affonso Ferreira.

Sangue Azul, de Ana Carolina Delmas, foi lançado pela Editora Miguilim.

Mulheres, gênero e violência, organizado por Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo, foi lançado pela Oficina e Cultura Acadêmica da Editora Unesp. O Livro, que está ligado ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania de Marília, poderá ser baixado em http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/mulheres-genero_ebook.pdf.

André Trigueiro, escritor, jornalista e professor da UFRJ e da PUC/RJ, lançou *Viver é a melhor opção - A prevenção do suicídio no Brasil e no mundo*.

José Cretella Júnior faleceu no dia 12 de abril, em São Paulo. Nasceu em Sorocaba no dia 10 de Janeiro de 1920. Escritor, advogado e professor, foi Membro da Academia Paulista de Letras (cadeira de nº 1). Um dos fundadores da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Autor de várias obras jurídicas.

Ana Maria Machado participará do ciclo de conferência da Academia Brasileira de Letras, *Conversa de escritora*, no dia 2 de junho, às 17h30, Av. Presidente Wilson 203, no Rio de Janeiro.

Marisa Lajolo, escritora, professora e curadora do *Prêmio Jabuti*, tomou posse na Academia Paulista de Educação para a cadeira nº 26, ocupada pelo acadêmico Luiz Contier. A Academia é presidida por Paulo Nathanael Pereira de Souza.

Luiz Alvaro Salles Aguiar de Menezes é o novo gerente de Relações Internacionais do Comitê Gestor do Projeto Brazilian Publishers. Também será o responsável pelos projetos da Câmara Brasileira do Livro sobre a internacionalização do mercado editorial.

O Ministério da Cultura está com inscrições abertas para indicações da Ordem do Mérito Cultural 2015 até o dia 30 de maio. As indicações poderão ser enviadas através de mensagem eletrônica para omc2015@cultura.gov.br. www.cultura.gov.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

